

O impacto do uso de anticoncepcionais na saúde da mulher: uma mini Revisão de Literatura

Júlia de Aquino Gomides¹; Sinuhê Borges de Oliveira Pinto ¹; Maria Tereza de Moraes Guimarães Pimenta¹; Mikaela Souza Rodrigues e Carvalho¹; Rogério Silva de Oliveira¹; Gabriella Azevedo Fernandes¹; Jalsi Tacon Arruda²

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás -UniEVANGÉLICA.

RESUMO: Os anticoncepcionais hormonais simbolizam um importante avanço na saúde reprodutiva feminina, oferecendo controle de fertilidade e de planejamento familiar às mulheres. No entanto, seu uso contínuo pode provocar efeitos adversos físicos, mentais e comportamentais, especialmente em mulheres jovens. Esta mini revisão integrativa teve por objetivo avaliar os riscos associados ao uso de contraceptivos hormonais. Para sua elaboração foram utilizados os descritores “young”, “risk” e “contraceptive” para selecionar como base 5 artigos científicos no banco de dados PUBMED, seguindo o critério de inclusão relacionado às datas de publicação. Assim, foi perceptível um aumento de sintomas depressivos e sofrimento psicológico relacionados ao uso de contraceptivos orais, além de que mulheres com diagnósticos prévios de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) apresentaram risco até seis vezes maior de desenvolver depressão ao utilizarem contraceptivos hormonais. Outro aspecto observado foi a alteração na função e no comportamento sexual de usuárias de pílulas combinadas. Concluiu-se que o uso de anticoncepcional hormonal, apesar de seus benefícios, requer acompanhamento médico especializado para minimizar os riscos à saúde física e mental de mulheres.

Palavras-chave:
Mulheres.
Jovens.
Contraceptivos.
Riscos.

INTRODUÇÃO

Os métodos contraceptivos são estratégias utilizadas para prevenir gravidez, representando um avanço significativo na medicina preventiva e na saúde reprodutiva. Eles proporcionam maior autonomia das mulheres sobre sua fertilidade e seu planejamento familiar. Sendo assim, existem diversos métodos com eficácias e indicações diferentes, como

anticoncepcionais injetáveis, implantes hormonais, anel vaginal, adesivos e dispositivos Intra-Uterinos. No entanto, o uso contínuo desses medicamentos não está isento de riscos e de possíveis efeitos adversos, sobretudo entre mulheres jovens, cujo organismo pode responder de forma diferenciada à manipulação hormonal prolongada. Nos últimos anos, diversos estudos passaram a investigar não apenas os benefícios, mas também os impactos físicos, mentais e comportamentais associados ao uso desses contraceptivos ¹.

Diante disso, emergiu-se a necessidade de avaliar, de forma integrada, as evidências disponíveis sobre os possíveis riscos à saúde de mulheres jovens decorrentes do uso de anticoncepcionais hormonais. Alterações no humor, desenvolvimento de quadros depressivos, aumento risco para infecções ginecológicas e interferências na função sexual são algumas das condições relatadas na literatura, sugerindo uma relação entre o uso desses medicamentos e os agravos à saúde física e mental ^{2,3,4,5}.

Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi a análise dos riscos de saúde em mulheres associados ao uso de anticoncepcional. Assim, foram verificados os efeitos colaterais do uso desses medicamentos, e seus impactos na saúde da mulher.

METODOLOGIA

A presente mini revisão integrativa de literatura buscou responder a questão norteadora “Há evidências de que o uso de anticoncepcionais trás riscos à saúde de mulheres jovens?”. Os artigos foram buscados na base de dados do PubMed utilizando os descritores: “young”, “risk”, “contraceptive”, como booleano “AND” entre eles. Foram encontrados 56 artigos, utilizando para pesquisa de inclusão os filtros: “últimos 5 anos”; “artigos na íntegra”; “em inglês”. Dos 56 artigos, foram excluídos doze baseando-se na leitura do título e do resumo. Posteriormente, foram excluídos 39 artigos que não relacionavam diretamente aos riscos do uso de anticoncepcionais para a saúde da mulher, restando, assim, cinco artigos incluídos na revisão.

RESULTADOS

Nesta mini revisão integrativa, analisaram-se os impactos do uso de anticoncepcionais na saúde da mulher, utilizando parâmetros como: métodos diagnósticos, tratamento e fatores sociodemográficos.

Ingrid J Rowlands *et al.*, com o intuito de relacionar os possíveis agravantes de saúde física e mental nas mulheres em consonância com o uso de anticoncepcionais, abordaram uma

população de 4952 mulheres jovens de 27 anos, e interviram o uso de diferentes contraceptivos e seus impactos na saúde mental e física das participantes. Outras variáveis de confusão foram o tabagismo e obesidade. Como resultado, foram evidenciados níveis muito altos de sofrimento psicológico nas participantes (OR 1,47; IC 95% 1,24 a 1,76) sendo OR-razão de chances e IC-intervalo de confiança ¹.

Além disso, Edward *et al.* observaram que o uso de anticoncepcionais durante cerca de um ano aumentou as chances de comportamentos suicidas entre mulheres jovens, mas que o uso após esse período evidenciou que essas estatísticas diminuíram. Ainda nesse estudo, foi relatado que a contracepção hormonal aumenta os sintomas depressivos pelas pílulas orais combinadas ou não, e que aquelas somente de progestina foram fortemente mais associadas a esses riscos do que pílulas combinadas ².

Estudos observam que mulheres com o diagnóstico de Déficit de Atenção de Hiperatividade (TDAH) tinham o risco de desenvolver depressão três vezes maior, independente do uso de Contraceptivos Hormonais (CH). Nesse contexto, Cecilia *et al.*, demonstraram que quando tinha-se o diagnóstico de TDAH em conjunto com o uso de CH, o risco de desenvolvimento de depressão aumentava em cinco vezes comparado a mulheres sem TDAH que não faziam o uso de CH, e ainda, um risco seis vezes mais elevado em comparação a mulheres sem TDAH que usavam CH oral combinado. Além disso, o uso de progesterona, somente, aumentava em cinco vezes o risco de desenvolver depressão em mulheres com TDAH. Por fim, não foram encontradas alterações de risco no uso de CH não oral em ambos os grupos ³.

Outro ponto a ser abordado é que a positividade de infecção para *C. trachomatis* associado ao uso de contraceptivo oral por mais de cinco anos puderam aumentar o risco de SIL (Lesão intraepitelial escamosa) no colo do útero em mulheres vacinadas com HPV. Sendo assim, segundo AdhiKari *et al.*, uma das justificativas que influencia esse dado pode ser o conformismo da não necessidade do uso de contraceptivo de barreira para evitar a gravidez devido o uso de contraceptivo oral ⁴.

Por fim, segundo Nowosielski, os comportamentos e a função sexual são diferentes nas mulheres que usam pílulas anticoncepcionais combinadas orais (OCCP) em comparação com os não usuários. A prevalência de problemas sexuais e de disfunção (FSD) no estudo, que teve como objetivo avaliar essa prevalência em mulheres em idade reprodutiva (18-45 anos), foi maior naquelas quem usaram esse método hormonal de contracepção. No entanto, o uso

de OCCP não foi um fator de risco para a pior função sexual ou a disfunção sexual. As atitudes dos parceiros em relação ao sexo e ao nível geral de ansiedade foram fatores que contribuíram negativamente para a função sexual e para o risco de disfunção sexual na população de mulheres em idade reprodutiva do grupo contraceptivo em comparação com o grupo controle e devem ser avaliadas na prática clínica ⁵.

DISCUSSÃO

Nos estudos analisados, o uso de contraceptivo oral em um determinado espaço de tempo pode provocar alterações físicas e mentais no corpo feminino. Nesse sentido, os resultados dos cinco artigos selecionados nessa mini revisão integrativa destacaram os impactos desse medicamento em diferentes cenários comparando o estado de saúde de mulheres que não fazem uso de anticoncepcional.

De acordo com Ingrid J Rowlands *et al.*, a taxa de sofrimento psicológico em mulheres de 27 anos que utilizavam algum tipo de anticoncepcional foi substancialmente aumentada. Os resultados apresentam OR de 1,47, sendo que 1 indica a não associação entre as variáveis, e acima de 1 indica que há uma associação, sendo mais forte quanto maior for o número. Também foi apresentada uma IC de 95%, comprovando que o estudo tem confiabilidade elevada em relação àquilo que apresenta ¹.

Ademais, Edward *et al.* demonstram que o uso de CO - contraceptivos orais – aumenta o risco de comportamento suicida e de sintomas depressivos em mulheres jovens, e que nenhuma associação de comportamento suicida foi apresentada em um período superior a um ano e meio de uso. Logo, se faz essencial a compreensão dos riscos potenciais das pílulas contraceptivas, e sua relevância na saúde pública. Ainda, foi abordado que os impactos dos hormônios sexuais são mecanismos em potencial em que os CO aumentam o risco de comportamentos suicidas, sendo que a atividade sexual entre mulheres jovens está associada à idealização e à tentativa de autoextermínio, junto a fatores como histórico parental para essa tentativa. Assim sendo, mulheres jovens que fazem o uso de contraceptivos orais, junto à sua equipe médica, precisam estar vigilantes quanto a mudanças comportamentais e a oscilações de humor ².

No que diz respeito à associação do medicamento a outra doença, Lundin, *et al.* apresentaram um estudo que relaciona mulheres com o diagnóstico com TDAH ao uso de CH, evidenciando que essas pessoas apresentam uma maior vulnerabilidade à depressão. Os

autores sugeriram que mulheres com TDAH e que fazem o uso de CH combinados apresentaram combinações neurobiológicas que amplificaram as inseguranças do mal depressivo, aumentando em até cinco vezes o risco patológico comparado a mulheres sem TDAH e que não fazem o uso de CH. De acordo, ainda, com esse estudo, mulheres que fazem o uso de CH e que apresentam TDAH, tiveram o risco seis vezes mais elevado em desenvolver depressão do que mulheres com TDAH que não fazem o uso de CH. Visto esses achados, destacou-se a importância de uma abordagem individualizada na prescrição de CH. Assim, os médicos que prescrevem os CH, devem ter conhecimento do histórico psiquiátrico de cada paciente para evitar efeitos adversos e saber orientar corretamente tais pacientes ³.

Adhikari *et al.* trouxeram, em seu artigo, uma comparação de SIL entre mulheres de 18,5 a 22 anos com algumas semelhanças entre si. Sendo assim, o estudo comprovou que, em primeira análise, o resultado de SIL citológico foi de 940 em um total de 11.701 participações do estudo (mesmo faltando o resultado de 781 mulheres). Eles perceberam que características comparáveis como a idade da primeira relação sexual, o número de novos parceiros e uso de OC foram parecidos nos casos do SIL. Em um segundo momento, o total de casos do SIL foi 129 de 6618 (1,9%), sendo que o uso de preservativos não foi diferente para os que têm SIL e os de controle saudável. Os atos de fumar e o número de parceiros novamente foram mais significativos nos casos de SIL. Na análise uni variável, o risco de SIL associado a *C. trachomatis* foi significativo, mas não aumentado aos 18,5 anos. Entretanto, para mulheres de 22 anos, houve um aumento exponencial do risco de SIL associado a *C. trachomatis*, em comparação a mulheres negativas para essa condição ⁴.

Portanto, os resultados trouxeram risco aumentado da associação de *C. trachomatis*, uso de OC por mais de cinco anos e potenciais colaboradores (HPV16/18, uso de preservativos de barreira, tabagismo e alto número de parceiros sexuais). Em mulheres de 22 anos o resultado de (OR 4,7, IC 95% 1,7 a 12,8). Sob o modelo multiplicativo, a positividade para *C. trachomatis* e OC a mais de cinco anos foi (OR 2,9, IC 95% 0,6 a 14,0). Consequentemente, percebeu-se a necessidade de influenciar o uso de preservativos para mulheres usuárias de contraceptivos orais/hormonais e vacinadas contra HPV⁵.

Nesse contexto, é importante aconselhar as mulheres antes de introduzir contraceptivos, ou quando a disfunção sexual surgir durante o uso de contraceptivos hormonais. Motivações para usar contraceptivos, autoesquemas sexuais e percepção de imagem corporal também devem ser cuidadosamente discutidos. Parece razoável, pois as

motivações para o uso de contraceptivos hormonais podem não estar apenas no planejamento familiar, mas também enraizadas em questões psicológicas e roteiros socioculturais e sexuais que precisam ser modificados antes de iniciar a contracepção. Alterar a preparação contraceptiva ou, se indicado, adicionar andrógenos podem ser opções quando surgirem problemas sexuais durante o uso contraceptivo. Entretanto, intervenções educacionais podem ser melhores alternativas.

CONCLUSÃO

Inferese, portanto, que é essencial o monitoramento e o acompanhamento médico especializado no uso de contraceptivos para minimizar os efeitos e os danos à saúde. Além disso, é evidente que o uso dessa classe de medicamentos afeta principalmente o sistema neurológico, propiciando o aparecimento de doenças psicológicas como depressão. Por fim, é notório que o uso desses compostos associados a outros remédios aumenta a chance de efeitos colaterais.

REFERÊNCIAS

- 1 ROWLANDS, Ingrid J; MISHRA, Gita D; LUCKE Jayne C. Association between young women's physical and mental health and their method of contraception in a longitudinal, population-based study. **BMJ Sexual & Reproductive Health**, v.47, n.2, p.129-136, Apr 2021.
- 2 EDWARDS, Alexis C *et al.* Oral contraceptive use and risk of suicidal behavior among young women. **Psychol Med**, v. 52, n. 9, p. 1710-1717, jul 2022.
- 3 LUNDIN, Cecília *et al.* Hormonal Contraceptive Use and Risk of Depression Among Young Women With Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder. **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**, v. 62, n. 6, p. 665-674, jun 2023.
- 4 ADHIKARI, Indira *et al.* Association of Chlamydia trachomatis infection with cervical atypia in adolescent women with short-term or long-term use of oral contraceptives: a longitudinal study in HPV vaccinated women. **BMJ Open**, v. 12, n. 6, jun 2022.
- 5 NOWOSIELSKI, Krzysztof. Do oral combined contraceptive pills modify body image and sexual function. **Reprod Biol Endocrinol**, v. 20, n. 1, p. 94, jun 2022.